



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Romances familiares e a construção fantasmática do sujeito

Carolina Albuquerque Barbosa

Psicanalista
Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Formação em Psicanálise pelo Instituto de Psicanálise e Saúde Mental (IPSM-MG)
E-mail: carolinabarbosa.psicologia@gmail.com

Isa Gontijo Moreira

Psicanalista
Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Pesquisadora do Núcleo de Psicanálise no Laço Social (PSILACS - FAFICH)
E-mail: gontijo.isa@hotmail.com

Pâmella Fernandes Freitas

Psicanalista
Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Formação em Psicanálise pelo Instituto de Psicanálise e Saúde Mental (IPSM-MG)
E-mail: pamellafreitas.psi@gmail.com

Resenha do texto

Lacan, J. (1938/1985). *Os complexos familiares na formação do indivíduo, ensaio de análise de uma função em Psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Em “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, Lacan (1938) formula que o destino psicológico da criança depende da relação que esta estabelece entre si e suas imagens parentais. Partindo deste pressuposto, a constelação familiar exerceria uma função causal no complexo nodal das neuroses, em sua gênese, a partir do próprio complexo de Édipo. Segundo Prado (2009), a história de cada neurose se reporta à pré-história do sujeito, à trama que envolveu e estruturou as relações de seus pais, e que ressoará na história que o sujeito construirá.

O modelo introduzido por Freud se ancorou, desde sempre, na construção, feita pelo sujeito, de um saber mitológico para se haver com a trama edípica. O mito é, portanto, a trama que aponta um enunciamento do impossível de se dizer sobre o desencontro da relação sexual, através do qual a criança se debruçará formulando teorias sobre a sua concepção. Entretanto, há a impossibilidade de equivaler à cópula dos pais a cópula de significantes (Fernandes, 2006). Neste sentido, deste mito se herda o valor patogênico atribuído às neuroses, uma vez que a inscrição fálica do pai não pode transmitir o que se passa na relação sexual.

Na medida em que compreendemos que a fantasia fundamental do sujeito se constitui como uma tentativa de responder ao desejo do Outro, destacamos aqui a importância, impossível de ser desconsiderada, da maneira pela qual o par parental exerce suas funções, a saber, aquelas que,

posteriormente, Lacan nomeia como função paterna e desejo da mãe. Quer dizer, a posição subjetiva do sujeito se constitui a partir do lugar em que este é alocado, pelos pais, em seus próprios desejos.

É o que notamos, a título de exemplo, ao analisar o caso Hans, onde Freud (1925) trabalhou a influência da neurose parental no desenvolvimento do sintoma fóbico da criança. Lacan (apud Carvalho, 2006) pontua que Hans está entregue a demasiada intimidade com a mãe, e seu pai está longe de se posicionar na ordem de um possível castrador. Na relação imaginária com o desejo materno, Hans se coloca como aquele capaz de satisfazer o desejo da mãe, e esta, por sua vez, exclui a intervenção do pai no que tange à interdição do gozo. É na ausência desse que a criança recorre ao sintoma fóbico para barrar o excesso de gozo experimentado na relação com a mãe. "A fobia passa a ser uma espécie de 'arranjo' em que os significantes que estruturam o real podem ser remanejados" (Carvalho, 2006, p. 73). Lacan (1954) revela que a trama fantasística diz sobre a tentativa do sujeito em construir sua própria verdade. É nesse sentido que o psicanalista considera a fobia como uma construção mítica. A fim de rearticular uma nova posição frente à trama familiar, ou, mais especificamente, frente à falha do pai, Hans se utiliza não só da fobia, como também posteriormente se serve do conjunto de fantasias que são elaboradas no curso da análise.

Lacan (1954), em sua trajetória de formalização, em termos de linguagem, do mito edípico freudiano, se pauta em uma expressão cunhada por Lévi Strauss (1949), "mito individual", para definir a formação de uma estrutura subjetiva básica que confere ao sujeito uma singularidade em termos de seu próprio desejo. Salientando estes aspectos estruturais do mito, Lacan (1953) o propõe como uma organização do registro imaginário, uma espécie de narrativa sobre a qual a localização na partilha dos sexos desliza. Na teoria de Freud (1990), este "arranjo" foi designado com "romance familiar" para expressar a forma como uma criança "inventa" os laços dados entre os membros de sua família. Assim, a criança dá uma versão imaginária a seus pais e a suas relações, situando sua família sob o modo de uma ficção a fim de obturar a ausência da relação sexual. Se dá, assim, o que se entende a partir de Lacan como "fantasia fundamental", ou fantasias no plural, fundadas, portanto, no complexo de Édipo e naquilo que se apresenta como falha, como real não passível de inscrição.

Posteriormente, Lacan (1974) coloca as versões imaginárias do pai e da mãe, construídas no romance familiar, como funções simbólicas escritas na fórmula da metáfora paterna: a função da mãe será aquela do desejo e a do pai será a de nomear este desejo, o particularizando e o retirando do anonimato (Oliveira, 2001). Da metáfora paterna, Lacan (1974) deduzirá um resíduo inscrito pela opacidade da relação sexuada que lhe deu origem, do par homem-mulher a partir do qual não se inscreve o par pai-mãe, o que resultará em um impasse sexual que adquire também uma estrutura de ficção "que racionaliza o impossível de onde ela provém". Segundo Salztrager (2004), "a produção de uma fantasia, de um modo geral, se configura como a atividade psíquica que possibilita a representação daquilo que se apresenta como inapreensível" (Salztrager, 2004, p. 120). Na medida em que a relação sexual não existe, não há a inscrição de uma correspondência, ou

complementariedade, entre um homem e uma mulher, o que também impossibilita um encontro entre o pai e a mãe. Há um resto de real aí, impossível de se escrever, que se interpõe nesse encontro. É aí que o sujeito inventa sua fantasia, visando sempre obturar aquilo que falta no romance familiar ao qual faz parte e deve fazer existir.

Retomando Hans (Freud, 1925) poderíamos dizer que a neurose desta criança denuncia o sintomático da relação parental. A não relação sexual se demonstra através de um pai que não amarra o desejo em uma mulher e de uma mãe "viril" que não se coloca como objeto de desejo do Outro. Apreende-se, portanto, que cada sujeito constrói seu mito individual a partir de elementos retirados de sua própria constelação familiar, num trabalho de resignificação da (não) existência da relação sexual. Lacan formula que o romance familiar é um mito individual pois, em seu estatuto imaginário, visa recobrir uma versão singular do gozo garantida pela exceção advinda da metáfora paterna.

Assim, há o que se pensar acerca da atualidade, momento em que se apresenta uma nova moral sexual, na qual nos vemos diante de novas constituições familiares que nos deixam com questões a serem enfrentadas, tais como: o imperativo do gozo, a volatilidade do desejo, bem como os processos de virilização da mulher e decadência da figura paterna. Estas questões repercutem nos enlaces familiares e, conseqüentemente, nos arranjos psíquicos de cada sujeito.

Ainda nos parece prematuro hipotetizar sobre como cada sujeito solucionará as vicissitudes de nossa contemporaneidade. Resta-nos uma questão: se, no contemporâneo, o que percebemos é que não existe mais a tradição – que mantinha e sustentava, em alguma medida, a constelação familiar e o Outro -, se, agora, o que "enlaça" os casais se dá pela ordem do gozo e do desejo enquanto evanescente, como se dará a construção do romance familiar dos novos sujeitos?

Há de caber sempre uma invenção, uma possibilidade de fazer com a angústia diante da ausência de recursos para lidar com o excesso, ou com a falta de informações sobre seu ser, uma trama ficcional que venha "calar a voz estranha que ecoa do fantasma familiar" (Júnior & Lima, 2011).

Referências Bibliográficas

- Brousse, M.-H. (2000). Más-allá del Édipo: el psicoanálisis y las nuevas formas del mal-estar de la cultura. *Los cuatro discursos e el Outro de la modernidad*. Publicação do Grupo de Investigación de Psicoanálisis de Cali.
- Carvalho, E. (2006). O papel do pai na fobia e na neurose obsessiva: o "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos" em Freud e em Lacan. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Fernandes, A. (2006). Do mito à fantasia: um percurso em análise. *Pulsional – Revista de psicanálise*, 19(186), 25-30. São Paulo: Escuta.

- Freud, S. (1996). Romances Familiares. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1909).
- Júnior, P.; Lima, M. (2011, mai.). Fantasia, mito e ato na lógica da criação do sujeito. VI Congresso Nacional de Psicanálise da UFC e XV Encontro de Psicanálise da UFC: o psicanalista, sua clínica e sua cultura. Recuperado de <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/65.pdf>.
- Lacan, J. (1985). *Os complexos familiares na formação do indivíduo, ensaio de análise de uma função em Psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1938).
- Lacan, J. (1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1974).
- Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico, ou, a poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1954).
- Lévi-Strauss, C. (1970). A Eficácia Simbólica. *Antropologia Estrutural* (pp. 104-224). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Trabalho original publicado em 1949).
- Neto, J. S. C. (2010). A relação edipiana na contemporaneidade: novos formatos para a constituição das neuroses. (Dissertação de mestrado). Recuperado de http://www.joaocarvalho.com.br/site/images/stories/pdf/monografia_edipo.pdf.
- Oliveira, S. M. E. (2001). O Romance Familiar e suas exceções. *Curinga – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais*, 15/16. Belo Horizonte: EBP.
- Prado, A. C. A. L. (2009, ago.). O mito individual do neurótico. *Seminário de Agosto de 2009 do CLa p – Centro Lacaniano de Pesquisa em Psicanálise*. Recuperado de www.institutotrianon.com.br.
- Salztrager, R. (2004). As novas subjetividades e suas fantasmaticizações. *Psychê*, 8(13), 109-124. São Paulo.

Citação/Citation: Monteiro, I. G. et al. (nov. 2014 a abr. 2015). Romances familiares e a construção fantasmática do sujeito. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 10(19), 137-140. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n19p137-140

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 13/10/2015 / 10/13/2015.

Aceito/Accepted: 18/10/2015 / 10/18/2015.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.